

Entrevista com Ivan Campos

Afonso Teixeira Filho e Dirceu Villa

Como foi a sua formação intelectual, Ivan? O seu aprendizado de línguas, sua educação e como enveredou pelo caminho da química?

Fiz o primeiro grau em uma escola particular, que já não mais existe: o Externato Assis Pacheco. Estudei um ano nos EUA, em escola pública, em 1971. Lá aprendi inglês e espanhol, um na escola, outro de ouvido, no conjunto habitacional onde morei. Italiano, aprendi um pouco em casa, com minha avó, depois estudei no Istituto Culturale Italo-Brasiliano. Quando tinha meus doze anos, descobri minha vocação por Química, graças a um jogo da Guaporé. Era realmente forte: sou bacharel e doutor em Química, pelo IQUSP. Meu pai aceitou isso bem, mas também nunca deixou de estimular meus outros interesses, especialmente em humanidades. O segundo grau fiz no Mackenzie e aprendi também um pouco de eletrônica, porque, naquele tempo, o colegial tinha que ser técnico. Estudei outras línguas, fora do currículo escolar, especialmente alemão e latim. E sou autodidata em ciência da computação, como de resto todos aqueles de minha geração que militam na área também o são...

Vamos dividir a segunda pergunta em duas: considerando seu interesse por poesia (publicou poemas autorais e traduções), como você vê tradução poética em geral e a sua própria poesia? E fale um pouco do papel do seu pai, Haroldo de Campos, nisso.

Seguramente, meu convívio com o Haroldo marcou de forma indelével tanto a minha compreensão de poesia como a de prosa. Muito do que li, vim a conhecer por sugestão dele. Já fui um leitor muito mais voraz de prosa e poesia do que sou hoje. Nos últimos tempos, pelo menos nos últimos dez anos, tenho lido muito História Antiga e Contemporânea. A História, para mim, é uma paixão recente, relativamente, e tenho concentrado minhas leituras nela, quando posso. Mas a maior parte do tempo preciso dedicar a leituras em Química e em Computação, pois exerço atividades em ambas profissões. Minha atuação como autor de poesia começou nos anos 80, quando eu era aluno da USP. De vez em quando, entro no *mood* adequado e escrevo. Mas produzo relativamente pouco. Uma amostra representativa de meus trabalhos encontra-se on-line na *Revista Zunái* <http://www.revistazunai.com.br/poemas/ivan_de_campos.htm>, para quem quiser formar opinião a respeito. Quanto à tradução poética, em particular, acho que, no momento, precisamos muito dela. Traduz-se pouco ao português, mais hoje do que antes, mas pouco. Assim, é fundamental traduzir com qualidade, para que o esforço tradutório seja eficaz. E a idéia seria conseguir transportar à língua de chegada o máximo possível do que o autor expressou na língua de partida, melopéia incluída. Para mim, isso também se aplica à prosa, de Tácito a Kerouac, para citar apenas dois autores que me interessam em particular, dentre tantos outros pares merecedores de igual atenção e cuidado.

Qual era o método utilizado por Haroldo de Campos para o aprendizado de línguas? E como era a rotina de trabalho dele?

Ele iniciava por um curso básico comum mas, assim que dominava os rudimentos, procurava voltar seu aprendizado para a poesia, passando a estudar com professores particulares. O que sempre me espantou era a velocidade com que aprendia... Desde que se aposentou como advogado, ele trabalhava de oito a doze horas por dia, em geral em diversos projetos simultâneos, que distribuía ao longo do dia. Quando via um desses projetos chegando ao fim, concentrava-se nele exclusivamente, ou quase, para terminar o mais rápido possível.

Voltando ao seu trabalho de tradução: quais são os desafios formais propostos pela poesia da "era de prata" romana? Você estava discutindo essa poesia com Haroldo nos últimos tempos? Aproveitando, fale-nos sobre os seus interesses literários; os estudos que anda fazendo sobre a literatura romana, a Bíblia, etc.

De Nero restaram apenas poucos versos esparsos, que sugerem, mas não permitem afirmar, que ele era melhor poeta do que se alega. Do período de Nero restaram pelo menos dois poetas pouco estudados: Calpúrnio Sículo e o anônimo autor das *Éclogas* de Einsiedeln. Há também o "Etna", poema de autor desconhecido que no passado costumava ser incluído, sem boa razão, entre as obras menores de Virgílio. Restam também três poemas de Adriano e diversos de seu contemporâneo Floro. O "Etna", que é um poema bastante longo, as *Éclogas* de Calpúrnio Sículo e o "Anímula" de Adriano interessavam especialmente ao Haroldo, estando em seus planos tradutórios. Discutíamos bastante a respeito, particularmente nos últimos meses de vida do Haroldo... O "Anímula" acabei traduzindo eu, o Haroldo deixou metade de uma das *Éclogas* de Calpúrnio Sículo traduzida e o "Etna" não foi tocado... Eu seguramente penso em traduzir o resto que há de Adriano, algum Floro e talvez as *Éclogas* de Einsiedeln, se conseguir tempo. E tenho trabalhado em trechos selecionados de Tácito, de que

gosto muito. Quanto a assuntos bíblicos, acompanho interessadamente a pesquisa sobre o Jesus histórico, um assunto que tem ganhado força nas últimas décadas. Mas, nesse caso, meu interesse é mais histórico do que literário...

Suas impressões sobre o Qohélet e o Bereshit de seu pai. Ele utilizou um critério polêmico para realizar as traduções (que os poetas do concretismo trouxeram para a tradução poética da poesia de vanguarda): técnicas da poesia moderna, reprodução da sintaxe hebraica, decalque do ritmo da poesia hebraica, etc. Isso indicaria que Haroldo encontrava aproximações formais entre um esquema de concreção da poesia bíblica e o da vanguarda? Que novas perspectivas isso traz?

Meu pai encarava a poesia de forma sincrônica, o que não deixa de ser uma nova perspectiva. E nessas traduções levou essa visão às últimas conseqüências. E funcionou. O resultado é cantável, o que é fundamental para poder ser usado em culto, como de fato tem sido. Dizem-me sempre que ele conseguiu traduzir forma e conteúdo harmonicamente. Acho, portanto, que ele foi bem sucedido na tarefa a que se propôs, o que valida os pressupostos a ela subjacentes. Mas como traduzir é sempre uma atividade in progress, tenho certeza de que outras traduções inovadoras desses mesmos textos nos aguardam no futuro...

Entre os papéis em que o Haroldo de Campos esteve trabalhando por último, há material inédito para a publicação? O que deverá ser lançado ou relançado nos próximos anos?

Sim, há. E não é pouco. Para o futuro, seguramente teremos um livro de poesia e um de ensaios, além de alguns volumes de correspondência. Neste ano devem sair a nova edição

da *Morfologia do Macunaíma*, contendo um ensaio adicional inédito, e a da *Operação do Texto*, numa versão bastante ampliada que o Haroldo intitulou *Operação e Reoperação do Texto*. Também devem sair traduções inéditas de poesia do Kaváfis. E saem reedições do *Jade* (traduções de poesia chinesa) que teve uma tiragem muito pequena na primeira edição e a tradução do *Hagoromo*.

E a aquisição da preciosa biblioteca de Haroldo de Campos, de mais ou menos 40.000 volumes, pela Casa das Rosas (hoje Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura), do Governo do Estado de São Paulo? Como funcionou isso, e como anda esse processo? Há alguma estimativa de quando o acervo estará disponível para consulta?

Na verdade, fizemos uma doação ao Governo do Estado... não foi propriamente uma aquisição. Agora os livros estão sendo objeto de muito mais atenção do que minha mãe e/ou eu poderíamos lhes dar, por mais que assim o desejássemos. E eles permaneceram no Brasil, como era desejo do Haroldo. Houve muito empenho de ambas as partes e acho que tudo transcorreu melhor que o esperado. Há hoje uma bibliotecária responsável, funcionários e estagiários ocupando-se deles, que estão sendo contados, catalogados e protegidos da melhor forma possível. No ritmo atual, creio que o acervo será consultável no fim de 2007 ou início de 2008. Caso o Estado se empenhe em terminar logo, com mais recursos e pessoal, será possível adiantar essa data para o final de 2006...

Para concluir: está para publicar alguma coisa de sua autoria? Em que você anda trabalhando na área de literatura?

FILHO, Afonso Teixeira e VILLA, Dirceu. Entrevista com Ivan Campos

Além do “Anímula” de Adriano, que faz parte desta edição, tenho uma nova tradução do parágrafo final do *On the Road*, do Kerouac, que pretendo acompanhar por um pequeno ensaio comparando traduções em português, italiano, francês e espanhol, que pretendo publicar em breve. E alguns poemas meus devem sair, em breve, no número 3 de *Mnemozine*.

LIVRARIA HUMANITAS/DISCURSO
Av. Prof. Luciano Gualberto, 315
Cidade Universitária
05508-010 – São Paulo – SP – Brasil
Tel: (11) 3091-3728 / Telefax: (11) 3091-3796
e-mail: livrariahumanitas@usp.br

HUMANITAS – DISTRIBUIÇÃO
Av. Prof. Luciano Gualberto, 315
Cidade Universitária
05508-010 – São Paulo – SP – Brasil
Tel: (11) 3814-5383 / Telefax: (11) 3034-2733
e-mail: humanitas.disc@usp.br
<http://www.editorahumanitas.com.br>

FICHA TÉCNICA

Mancha 11,5 x 19 cm
Formato 16 x 22 cm
Tipologia Futura Lt BT
Papel miolo: Off set 75 g/m²
capa: Cartão branco 180 g/m²
Impressão e acabamento GRÁFICA DA FFLCH
Número de páginas 290
Tiragem 200 exemplares